

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Algumas batidas curiosamente ancestrais do coração de Landê Onawale

Sílvia Roberto dos Santos Oliveira¹

Esse título expressa, é bom que se diga, mais uma vontade que uma realidade efetiva de tradução dos sentidos da poesia de Landê Onawale.²

O poeta já reclamou em entrevistas concedidas ao projeto TEAFRO³ e com toda a razão sobre a necessidade de fazer vazar críticas acadêmicas a respeito de escritores negros baianos. Demos razão ao poeta e resolvemos assumir a nossa parte nessa responsabilidade de divulgar as considerações imberbes que possamos ofertar.

Então, anotemos a principal *aflição* do autor diante de sua obra poética. O privilégio de ter partilhado diálogos com o poeta permitiu-nos observar esta aflição, que é a de expressar-se negro na maior parte das vezes sem os tracejos ornamentais, sem as marcas, elas também poeticamente estereotipadas, de uma literatura negra.

O que será que faz uma literatura *negra*?

O dia 21 de Março é o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em memória às vítimas do Massacre de Shaperville, um bairro sul-africano da província de Gauteng. Junto a um email com a lembrança dessa data veio a seguinte letra, que era cantada pelo fabuloso

¹ Sílvio Roberto dos Santos Oliveira é Professor Adjunto de Literatura Brasileira da Universidade do Estado da Bahia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

² Landê Onawale ou Reinaldo Sampaio é educador e escritor, tendo começado a publicar poemas em jornais do Movimento Negro Unificado na década de 1990, passando ao CADERNOS NEGROS e ao QUILOMBO DE PALAVRAS. Em 2003 lançou o livro **O VENTO**. É coordenador do sarau poético intitulado **Quartinhos do Aruá**.

³ Projeto de estudo e pesquisa de textos minoritários desenvolvido no Campus II da Universidade do Estado da Bahia e coordenado pelo autor deste texto.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Wilson Simonal e hoje é recantada no Sarau Bem Black, organizado por Nelson Maca e o Coletivo Blackitude, toda quarta do mês no Pelourinho, em Salvador:

*Cada negro que for
Mais um negro virá
Para lutar
Com sangue ou não
Com uma canção
Também se luta irmão*

Com uma canção também se luta irmão!

E o que será que faz que uma canção sem sangue ou sem guerra seja uma literatura
negra?

Estamos tratando aqui de Landê e ele irá nos ajudando a responder:

EM NEGRO

Eu sou Negro
Muito mais pelo que penso,
Menos pela cor da pele
(ou traços que se revelem)
nesse país de tantos matizes.
Pra me ver negro,
É sentir como é que vivo;
É olhar tudo que faço;
É ouvir tudo que digo.
Eu sou Negro.
Tenho, no corpo e na mente,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

A resistência de um Negro Fujão,
A persistência de um Negro Fujão:
Que de tanto nadar contra a corrente,
Acabou por fazer a correnteza.
Eu sou Negro.
Digo isso ao mundo inteiro.
Pra me calar, já me prenderam,
Mas prender um Negro é represá-lo...
E a lembrança de meu povo, do que fui e sou,
É a maneira como racho essa muralha Branca.
E eu mino sempre, sempre, sempre,
A todo instante.
Estou na Luta.
(IN: **O VENTO**)

Há, portanto, uma questão de consciência e de vivência a serem consideradas, o que, no caso do poeta em questão, vai mesmo além da aparência, apesar de que ela seja muitas vezes decisiva. Como ressalva, vale lembrar a provocação do poeta Adão Ventura:

*para um negro
a cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração.*

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Mas esse *coração* só desponta na aparência da pele, na aparência ornamental das letras, dos poemas? Creio que vai além.

Lembremos do *Instinto de Nacionalidade*, de Machado de Assis:

O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Se pensarmos bem no *sentimento íntimo* de Machado de Assis, mas relacionando-o menos à nacionalidade e mais à identidade, teremos certeza de que para falar de Brasil, não será preciso se referir apenas a *sabiás e coqueirais*; assim também para dizer-se negro não é bastante, às vezes pode ser realçante, mas não é bastante se referir às Áfricas ou ao samba. Sem querer entrar nesses meandros, para quem gosta de samba, é difícil encontrarr compositores negros que ainda cantem a “negra descendo a ladeira com a lata na cabeça, se rebolando faceira”. Porém, sambistas de classe média da Lapa no Rio de Janeiro ainda cantam dessa forma como se entoando uma homenagem a um passado nostálgico. O samba atual, que ele é sempre atual, canta a memória não estanque, “que os olhos não podem ver”, que nem Marquinhos de Oswaldo Cruz, do mesmo Rio de Janeiro:

um velho banco,
antiga estação
eu vou sentindo
o que os olhos não podem ver
nesta marmita
eu carrego os meus versos
que alimentam
de emoção meu dia a dia
mas é que hoje

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

acordei bem mais sambista
ao me lembrar
de muitos sambas que ouvi
a velha guarda resistindo com poesia
fazendo sambas
que desafiam a lógica

A memória se comprova importante em novos gestos, presentes caminhadas cotidianas.

Salientemos: são necessárias as referências às ancestralidades, às nossas heranças, aos elementos que sublinham o que entendemos por *negritude*. Estou considerando também, e não inventando, a partir do que lemos e ouvimos, que poetas, como Landê Onawale, têm lidado com as suas negritudes, aproveitando formas suplementares, captadas, absorvidas, refundadas por homens negros e mulheres negras.

ÚNICO SENTIDOS DO CORAÇÃO

Ao poeta Hamilton Borges Walê

...e este punhal
cravado
no lado
esquerdo do meu peito
é o único que aceito
sem ele
nem sei
viver direito...

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

(IN: **O VENTO**)

Este poema faz mais sentido se sabemos que o poeta o elaborou no *Terreiro do Cobre*, na *Festa de Ogum* em 2006 e que o amigo homenageado Hamilton é também um poeta, militante, preocupado em ressaltar as qualidades da história, da tradição e do presente social negro. E que Landê dialoga constantemente com esse seu amigo, que é também um poeta em linha diferenciada da dele, Landê, que constrói um texto que, se não tivermos noção de onde se fala, poderíamos pensar se tratar da produção de um autor alemão ou chinês ou neozelandês.

Assim como nesse poema, aquela composição de Marquinhos trata do resgate de uma memória, sentida e revivida, no corpo e na voz. Materializemos aqui poesias de Landê e de outros como *provas* científicas de que é possível expressar uma poética negra com elementos da herança africana e elementos antigos e novos de afrobrasilidade. Não quer dizer que brancos, amarelos ou azuis não façam.

Na verdade, nesse caso, adotemos a linha de Umberto Eco: e se houve um cataclisma na Grécia, e o que chamamos de belas obras são apenas as que sobraram? E se houver um cataclisma hoje, o crítico do futuro saberá diferir a poesia de Landê da poesia de Bruno Tolentino? Talvez não, por que há uma diferença básica entre o crítico do futuro e o crítico do presente, especificamente o autor deste texto. Este aqui assumidamente vê a necessidade de se pensar a produção de Landê em um contexto, pois nós sempre pensamos em um contexto. O que não podemos é ignorar, por exemplo, que a poesia e a fábula de Esopo, na Grécia, brotaram de um ambiente. Esse ambiente não era grego. E se tornam poesia e fábula ainda mais relevantes se sabemos que esse ambiente era africano.

Então, Landê herda muita coisa em sua verve, nas batidas de seu coração, que é um coração materializado pelo seu cotidiano, e não etéreo, vago, esfumado. E que segue ritmos reconhecíveis, vivenciados, que não são helênicos. Como em *Preta Preta*:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Preta

Minha preta

Preta mesmo

Preta, preta

Preta

Dentro preta

Preta fora

Toda preta

Preta

Ontem preta

Hoje preta

Sempre preta

Ah! Preta

Preta, preta

Preta, preta

Preta, preta

(IN: **O VENTO**)

Herda a pretidão de Cruz e Souza, que por não ter sido entendido, em seu sentimento íntimo, foi lido como complexado.

Cruz e Souza se esbateu constantemente contra a intelectualidade iluminada de sua época que, cheia de boas intenções, determinava também os esquadros da inteligência. Por isso: “apaguem o sol”! Apaguem o sol para que eu enxergue cada vez melhor. Eu quem? De

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

onde falo? Quem sou? E ele poderia responder também ironicamente como Luiz Gama, ao apropriar-se e extropiar os versos de Zaluar:

Quem sou eu? que importa quem?

Sou um trovador proscrito,

Que trago na frente escrita

Esta palavra — “Ninguém!” —

Augusto Emílio Zaluar — “Dores e Flores”

O próprio Landê dialoga com o Gama deste poema no poema *BERRO*:

*Aqui nesta boa terra,
Marram todos tudo berra!*

LG

façamos berrar as penas
em alto e bom “sou!”
derramando nossa negritude
até a última gota da garganta

...lá na alta madrugada
quando o sono dos injustos
goza a velha bodarrada...
bééé!
ecoemos quilombolas utopias
dentro dos seus sonhos opressores
bééé!

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

ecos de quilombos e porões;
em minhas teses, tramas dos canaviais.

Sei a oração que principio,
mas não onde o desejo dos verbos acaba:
são, por vezes, incertos os ventos
que sopram as velas do meu destino.
(IN: **CADERNOS NEGROS 29**)

Ou afroatitude entrevista, não abafada, em expressão urbana e romântica:

PIERCING

tenho uma carícia incrustada na memória
é um *piercing* brilhante
que faz gelar o meu umbigo
tenho uma carícia adormecida nos meus sonhos
no meu quarto de desejos
para uma carolina que ficou pra trás
(IN: **CADERNOS NEGROS 29**)

Se aplicarmos as teorias formais para compreensão da literatura conforme os manuais tradicionais seremos capazes de obter uma leitura deste e de outros poetas. Porém, mais uma vez, não será o bastante para uma maior compreensão, pois acreditamos que a poesia negra, e esta de Landê, ainda necessita que os nossos olhos se abram a uma percepção

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

que não delimita o fazer literário à escritura, mesmo que dela faça bom proveito; que não se restringe ao eu-poético impessoal e nem por isso é diminuta; que não se preocupa com volatibilidades vocabulares, apesar de que reinvente as línguas tempo todo; que preza o louvor sem impor crenças; que tematiza o amor, há muito tempo, sem resquícios de platonismos e sem deixar de ser afro.

Exemplo de louvor, que não homogeneiza nem fé nem crença:

Louvor

A Neengwa Kunderenê (D. Bebe)

nós que somos as gotas precipitadas
das chuvas
que somos as gotas repousadas
das lagoas
as gotas sussurradas das fontes
(as lágrimas corajosas da emoção)

nós que somos as gotas majestosas
que pelos rios passeiam
as gotas destemidas
que saltam das cachoeiras
as gotas poderosas
que invadem os oceanos

nós, que além de ar e barro
somos água

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

vos agradecemso, dandaluunda
pela tua parte que nos toca
e nos faz viver
e sermos mar
sermos rio
sermos chuva
e sermos Deus
(IN: O VENTO)

Exemplo de amor, que extrapassa os limites morais e categorias canônicas da literatura. Trata-se de amor na plenitude e não na metáfora desejante do mesmo:

BICHO

dei de farejar seu rastro
espreitar você...
bati asas, dispersei desilusões
soltei meu canto másculo
no raiar desta paixão
fui flerte
 vaidade
leque encantado
sedução
(as faces da minha armadilha
espalhadas por seu caminho)

mas eu era a presa...

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

na exigüidade dos espaços sem você
fera dopada, melancólica, romântica
presa nas malhas da ansiedade
pega emaranhada em sentimentos
sem rugir, nem zunir

ah! mas quando invadi tua paisagem
fui a própria vida e verde novidade
rasgando o céu tão cinza
num vôo ingênuo e feliz

(IN: **O VENTO**)

É preciso entender que os poemas de Landê nos conduzem aos seus sentidos como numa batida de fundo em que os corpos se acompanham. As metáforas realçam as cenas, os cenários, não há platonismo, vacuidades. Isto tudo pode se dar de maneira mais direta, mesmo que metafórica em outros poemas afros.

Neste último caso, apresentemos um texto de Marise Tietra, publicado nos **Cadernos Negros 5**:

você entra...

você sai...

eu sus... eu sus...

você vem... você vai... eu piro... piro...

você faz tudo

você entra... você sai...

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

eu hummm... hummpmmh

você vem...

você sai...

eu deixo

você vem... você entra... você sai...

eu deixo

você entra... você vem... fundo fundo

eu fecho

você jazz.

(Marise Tietra - CN 5, p.59)

Finque-se também o poema que dá título ao livro de Landê:

O VENTO

disperso-me por aí

feito brisa

depois

me rejunto e chego como ventania

derrubo coisas

varro a casa

s a f a d a m e n t e

devasso a monotonia

talvez eu seja um vento mau

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

talvez injusto
pra quem tinha olhos postos no horizonte
a procurar por mim
não me desespero
e não quero
ser feliz de outro jeito

Presentimos, portanto, essa necessidade de ler e pensar a poética afro com instrumentos a ela adequados e que permitam ver e ouvir seus elementos e ritmos, seus corpos, mesmo quando imiscuídos na tradição literária mais predominante sem esquecer que desta também participa e em intenso diálogo hoje com outras linguagens, musicais e visuais.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **A poesia Afro-Brasileira**. São Paulo: Martins Editora, 1943.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

SOUZA, Florentina & LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.